

OS MICRO-BLOGS E AS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS VIRTUAIS.

Marcelo Muraro¹

Marta Regina Maia²

Resumo

Este artigo pretende discutir as relações identitárias que ocorrem no ambiente virtual, em especial na esfera dos micro-blogs, a partir do fenômeno do espaço público multidirecional, em que os internautas colocam-se não só como receptores, mas também como produtores do vertiginoso fluxo de informações gerado neste ambiente. O que se percebe é uma enorme volatilização das relações em uma “sociedade líquida”, que congrega a partir das diferenças. A mobilidade técnica dos suportes tecnológicos funciona como uma espécie de extensão do sujeito, agora enredado pelas inúmeras redes que compõem o ambiente virtual.

Palavras-chave: cibercultura, micro-blogs, Twitter, Plurk, identidade, ambiente, virtual.

Introdução

O ambiente interativo possibilitado pela Rede Mundial de Computadores pode gerar uma visão utópica de integração mundial solidária, entretanto, não parece ser esta a tendência, embora seja possível pensar, ao menos potencialmente, em um espaço público colaborativo, que pode agregar senão todos, mas partes desse todo. Vale frisar que a cultura de colaboração da internet intensificou-se a partir da chamada web 2.0³ que permitiu a ampliação deste espaço e a crescente utilização das mídias sociais. O que este artigo pretende discutir são as possibilidades de interação dos indivíduos neste espaço público multidirecional, pois ao superar a noção de emissão e recepção a partir de um único pólo, estabelecem-se novas configurações nas relações sociais. Os chamados micro-blogs⁴ serão o objeto de análise específica, pois atualmente constata-se uma proliferação deste tipo de aplicação. Essa apropriação da internet pelos usuários que relatam o seu cotidiano nas mais diferentes mídias provocam relações identitárias a partir do cotidiano. O advento desses micro-blogs e ferramentas semelhantes também pode ser relacionado à mobilidade técnica dos suportes tecnológicos.

¹ Webdesigner, professor do curso de Internet e Webdesign no Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP), em Salto.

² Doutora em Ciências da Comunicação - Jornalismo - pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), professora do curso de Comunicação Social da Metrocamp (Faculdades Integradas Metropolitanas de Campinas).

³ Optou-se por utilizar este termo porque o mesmo é o usual, embora seja polêmico. Alguns estudiosos do assunto como Juliano Spyer (2007) defendem que esse termo esteja sendo usado – a partir de empresas privadas – com o intuito de se fazer emergir uma “nova bolha” no mercado.

⁴ Nestes espaços, em geral, são permitidos posts com no máximo 140 caracteres.

Dessa forma, os dispositivos funcionam como uma extensão do usuário, uma vez que um computador já não representa, por si só, o ambiente informacional, o mesmo se encontra na rede e o usuário, por sua vez, se utiliza de diversos dispositivos (fixos ou móveis) para manter-se conectado a esse ambiente o máximo possível. É válido notar que um único usuário tem à disposição um computador desktop, computador laptop, celular smartphone, entre outros. Todos esses dispositivos possuem recursos semelhantes que permitem conexão à Rede e, por sua vez, acesso às informações disponíveis na mesma. O fato do Brasil ser o país no qual os internautas passam mais tempo na rede, cerca de 24 horas diárias, justifica o crescente interesse pelo estudo do ambiente virtual, entretanto é preciso deixar registrado que mesmo mantendo este recorde, o país ainda enfrenta o problema da exclusão digital, em que mais da metade da população brasileira ainda não navegou na internet.

Esta mobilidade remete à questão da construção das identidades neste cenário articulado globalmente. Stuart Hall levanta um elemento-chave para a compreensão deste fenômeno que atinge a sociedade nas últimas décadas, seria a “compressão espaço-tempo” (2001: 69). Neste ambiente “sem fronteiras” percebe-se que práticas sociais específicas passam por reconfigurações próprias da aceleração do tempo e da interação virtual. O tempo e o espaço - modificados - remetem a alterações sociais.

Esta mobilidade também se expressa nas relações de um usuário com as novas tecnologias disponíveis. Se um internauta usa o Twitter, vai querer, por exemplo, explorar novas possibilidades de acesso à aplicação, como seu aparelho de celular, que permite a atualização da sua conta enviando SMS's para o Twitter informando o que estava fazendo, onde está e assim por diante. Se seu aparelho dispuser de um leitor de RSS, o usuário pode também ler os posts dos integrantes de sua lista. A possibilidade de utilização/acesso a partir de meios móveis é o que torna interessante o uso da aplicação e levando-se em conta também a possibilidade de trocar informações de ver e ser visto, de ser lido. Abre-se um nicho no qual pessoas envolvidas com o desenvolvimento dessas aplicações ou ligadas ao meio tecnológico passam a habitar um meio em que são aceitas numa versão mais "atualizada", "moderna" e ainda ganham visibilidade.

A utilização das mídias sociais cresce de diversas formas, justamente num momento em que o termo "interação" vem sendo fortemente discutido e refletido em todo mundo. O termo "design de interação" (por exemplo) já é uma realidade, não basta ter um site ou blog, é necessário que este site seja um ambiente interativo e não apenas uma "vitrine", ele deve ter um motivo para existir e é nesse contexto que entram as aplicações de mídia social. Para traduzir na prática esta discussão, a partir da observação participante, serão analisadas, em especial, as seguintes aplicações: *Twitter* (twitter.com) e *Plurk* (plurk.com)⁵.

Novas tecnologias, novas sensibilidades

É possível pensar que as novas tecnologias conseguiram alterar sensivelmente as relações entre indivíduos e sociedades nas últimas décadas, tendo claro, entretanto, que há uma simultaneidade de tempos que diferenciam situações vivenciadas em lugares distintos do planeta em uma mesma época histórica. Pode-se inclusive estender esta análise para o Brasil, país com dimensões territoriais extensas e com uma disparidade

⁵ Outras ferramentas interessantes: *Last.FM* (last.fm); *Identi.CA* (identi.ca.com); *Jaiku* (jaiku.com); *Hi5* (hi5.com); *Sonico* (sonico.com); *Orkut* (orkut.com); *MySpace* (myspace.com); *FaceBook* (facebook.com); *Flickr* (flickr.com); *Pownce* (pownce.com); *PureVolume* (purevolume.com); *Digg*; *Del.icio.us* (del.icio.us); *Second Life* (secondlife.com.br); *MSN Messenger* (msn.com); *Yahoo Messenger* (yahoo.com.br); *AIM Messenger* (aim.com); *Google Talk / Gmail* (google.com.br); *Skype* (skype.com); *Youtube* (youtube.com); *UStream* (ustream.com).

social acentuada, já que o acesso à rede mundial de computadores não é tão generalizado, como já citado na introdução. Portanto, algumas das análises aqui levantadas dizem respeito a um público específico cujas condições de acesso, seja por questões financeiras, seja por processos democráticos de inclusão digital, tem à sua disposição dispositivos técnicos que permitem o ingresso nas novas tecnologias informacionais e comunicacionais (TICs).

A idéia é a de que há uma relação direta entre novas tecnologias e novas sensibilidades. A palavra, como condição essencial de comunicação (pelo menos do ponto de vista mais geral), percorreu diversos caminhos até chegar à era digital. Até a invenção da imprensa por Gutenberg, no século XV, a divulgação e a circulação da palavra escrita era realizada de maneira lenta, tanto no aspecto da produção, com a utilização do pergaminho⁶, como na necessidade do ser humano para a divulgação e entrega de mensagens. Assim, a partir da invenção da prensa, no século seguinte, os livros, vêm a se tornar mercadorias de grande circulação, com uma produção de cerca de 200 milhões de volumes por volta de 1600, como afirmam Febvre e Martin (1989, p. 46), sendo possível dimensionar o impacto que a palavra impressa ocasionou nas sociedades.

Outro grande fenômeno irá ocorrer no século XX, com o advento das novas tecnologias eletrônicas, que possibilitaram relações mais amplificadas e ampliadas entre os indivíduos, notando-se uma transformação qualitativa no campo da comunicação, justamente pelo fator quantitativo, isto é, pelo aumento vertiginoso de acesso aos meios de comunicação.

O desenvolvimento das tecnologias não está dissociado da sua forma de utilização e das instituições sociais. A tecnologia é permeada o tempo todo pelo ambiente sócio-político-econômico-cultural, de modo que as técnicas, ainda que inventadas para determinados fins, posteriormente, acabaram por sofrer alterações dentro de um contexto social mais geral. Um exemplo interessante a este respeito é o do telefone, que, planejado para fins comerciais, acabou contribuindo especialmente para o contato pessoal entre amigos e familiares distantes. (WILLIAMS, 1992, p. 199)

Nota-se ainda que, no início do século XX, até mesmo o acesso à escrita, tão restrito ainda no século anterior, sofreu mudanças com o advento das democracias representativas, que necessitavam de sistemas educacionais que garantissem o ingresso de uma parcela mais ampla da população ao próprio processo produtivo (econômico). Além disso, outros aspectos contribuíram para uma maior difusão da escrita:

O que eventualmente ganhou o direito à leitura foi uma combinação de três considerações distintas: em primeiro lugar, e talvez especialmente nos países protestantes, o desejo de uma instrução e uma melhora moral através da capacidade de ler a Bíblia; em segundo lugar, a crescente necessidade, na nova economia industrial, de ler informação e instruções impressas, e, por último, a necessidade política de aceder aos fatos e os argumentos em uma democracia política em desenvolvimento (desde ambos os lados: pelas forças populares, nas quais a imprensa era o motor da liberdade; pelas forças antipopulares, nesta etapa tardia, nas quais os votantes deviam estar adequadamente instruídos). (1992, p. 193)

Havia a necessidade de uma habilidade específica para a utilização e o acesso ao meio de comunicação escrito, situação que foi alterada com o advento de novas tecnologias de comunicação, como afirma Raymond Williams: “O que era dado como

⁶ Já que o papel não teve uso generalizado antes do final do século XIV.

certo sobre todos os sistemas de comunicação era agora mais generalizado pelo fato mesmo de que os novos sistemas não requeriam habilidades receptivas especializadas”(1992, p. 207). O rádio, como meio de comunicação, sugere um espaço com dimensões incalculáveis, justamente pelo caráter etéreo de sua difusão. A possibilidade de ouvir informações e de entretenimento estava ao alcance de todos, salvaguardado o período de sua implantação, dado o alto preço dos aparelhos transmissores. Ainda assim, para quem não podia adquirir o aparelho, havia a possibilidade da audição coletiva, seja com vizinhos, parentes e até em praças públicas, onde se veiculavam programas radiofônicos por intermédio de alto-falantes.

Da primazia dos meios eletrônicos, com o avanço acentuado da televisão em todas as esferas da sociedade, a partir da década de 60, pesquisas conseguem desenvolver processadores que representam o início da chamada era digital. A partir da década de 70, em plena vigência da Guerra Fria, construiu-se, nos EUA, um mecanismo a partir da eletrônica com o intuito de descentralizar a base contendo informações estratégicas de guerra. A arquitetura tecnológica desenvolvida nesse período foi extremamente promissora e logo foi absorvida pelo ambiente acadêmico. Na Europa, Tim Berners-Lee a utilizou para que pesquisadores pudessem ter um acesso mais rápido e dinâmico a trabalhos, pesquisas e textos através das redes. Ele próprio é o criador do que se conhece hoje por World Wide Web (WWW), criou também a linguagem de descrição base da internet, HyperText Markup Language (HTML). Da academia ou do próprio mercado, para a esfera da sociedade de consumo e para a sociedade civil. Esta parece ser a trajetória do fluxo informacional de qualquer desenvolvimento tecnológico.

Antes de continuar a trajetória das inovações tecnológicas, entretanto, é preciso discutir como acontecem as relações no interior da sociedade, dado que as tecnologias não estão isoladas do contexto mais geral, pois, dialeticamente, mantêm e ainda rompem paradigmas societários. Como fica o sujeito e suas relações nesta nova sociedade que se apresenta? É o que se passa a discutir em seguida.

Identidade no mundo liquefeito

A noção antropocêntrica advinda do Renascimento - em que o sujeito representava o ponto nodal do conhecimento, em que a busca pela essência era o centro -, passa por reconfigurações sucessivas que altera o lugar do sujeito no interior da sociedade. Mudanças no espaço, no tempo, nos laços de sociabilidade, na forma de pensar deslocam o indivíduo, agora no século XXI, para uma situação em que o efêmero torna-se o constante, o recorrente.

Nessa nova modernidade líquida (BAUMAN, 2000) a discussão sobre a identidade expressa tanto uma necessidade, esta com o intuito de se “situar” na sociedade, quanto uma busca por um lastro, um sentimento de pertencimento a algum grupo ou modo de relação afetiva ou até mesmo profissional.

Até pouco tempo, os estados modernos podiam recorrer à noção de Estado-nação como uma condição para o futuro, com a utilização do conceito de identidade nacional. Esta visão foi construída por Estados que objetivavam o “direito monopolista de traçar a fronteira entre ‘nós’ e ‘eles’” (BAUMAN, 2005: 28). Esta pretensa naturalidade de pertencimento a uma nação cai por terra com a queda do Muro de Berlim, com o crescimento dos fundamentalismos religiosos, com as disputas étnicas, entre outros.

Uma pequena mostra de como o rótulo “nacional” já não contempla o aspecto identitário ocorreu com Zygmund Bauman ao ser indicado para uma homenagem da

Universidade Charles, de Praga. Ele conta (2005) que lhe pediram para escolher o hino nacional que deveria ser tocado quando do recebimento do título de doutor *honoris causa* na Instituição. Acontece que o sociólogo nasceu na Polônia, foi proibido de lecionar neste país o que o levou para a Grã-Bretanha onde naturalizou-se. Na dúvida entre optar pelo hino do país onde nasceu, mas que foi privado de sua cidadania, ou pelo lugar que o acolheu, embora não totalmente integrado, a escolha recaiu em uma terceira via, a do hino europeu. Nada mais contemporâneo do que este tipo de situação.

A questão da identidade coloca-se como epicentro de um mundo global, com fronteiras cada vez mais tênues. A noção de pertencimento como um destino pré-configurado dá lugar a laços que podem ser facilmente desfeitos a todo momento. Com a ampliação do espaço público, ao menos na esfera virtual, o que se percebe é um vasto campo conceitual e de práticas cuja demanda leva o sujeito a transitar por inúmeras “identidades” em toda sua vida: “Poucos de nós, se é que alguém, são expostos a apenas uma ‘comunidade de idéias e princípios’ de cada vez” (BAUMAN, 2005: 19).

Historicamente, a noção de identidade mantém uma relação com o desenvolvimento do capitalismo no século XX. Nos anos seguintes ao término da Segunda Guerra Mundial, estabelecia-se na Europa as bases do Estado de bem-estar e nas décadas seguintes, o capitalismo avançado mostrou-se em sua fase de auge, apresentando elevadas taxas de crescimento, sem precedentes na história. A partir da década de 70, com a crise mundial, com o endividamento dos Estados Unidos, as idéias neoliberais ganham força, em especial com o governo de Margaret Thatcher, na Inglaterra. Neste sentido, são criadas as condições para um processo de globalização que se caracteriza pela inserção de praticamente todos os países neste processo, pela expansão internacional do capital financeiro, e ainda com o surgimento de novas tecnologias que possibilita o funcionamento em rede de empresas e instituições (BARBOSA, 2006).

Com o fim do Estado de bem estar, a idéia de estabilidade cede lugar para o instantâneo, para o imediato, para a sociedade de consumidores, sempre ávidos por novidades, pela necessidade de substituir, de descartar. Não sem razão a discussão sobre o destino das toneladas de lixo produzidas atualmente é uma das questões mais preocupantes da atualidade. Esta marca essencial da atualidade que é o fenômeno do consumo. Agora são as pessoas que se “vendem” e se “compram”. Nas palavras de Zygmunt Bauman: “[as pessoas] usam os melhores recursos que têm à disposição para aumentar o valor de mercado dos produtos que estão vendendo. E os produtos que são encorajadas a colocar no mercado, promover e vender são *elas mesmas*” (2008, p. 13).

Não há como dissociar a reflexão sobre identidade e mundo sem mencionar a onipresença do que Bauman (2005) denomina como as “forças da globalização”. Na medida em que o trabalho assume um dos aspectos centrais desse momento histórico, os sujeitos são deslocados de seu espaço geográfico e familiar e novas questões são colocadas.

Ao discutir as novas remodelações urbanas associadas à questão do trabalho Richard Sennett (2001) levanta a flexibilização como um elemento chave na contemporaneidade: “Um local de trabalho flexível provavelmente não seria um lugar ideal para se construir um ninho. A estrutura administrativa das empresas flexíveis necessita de um envolvimento psíquico que possa ser rapidamente reconfigurado”⁷. (2001, p. 24)

Este novo trabalhador, agora transformado neste ser movente, conduz sua vida ao ritmo do mercado, cada vez mais alucinado e sem tempo para digressões. Assim como o personagem Funes, de Luis Carlos Borges, não era muito capaz de abstrair, de

⁷ Tradução dos autores.

pensar, já que no "abarroto mundo de Funes não havia pormenores senão imediatos". (1995, p. 38)

A grande demanda social e de trabalho faz com que o sujeito não estabeleça metas de longo prazo. Ao discutir a redefinição dos ideais de felicidade a partir da sociedade do consumo, Jurandir Freire Costa mostra que a mudança na natureza do trabalho é uma das responsáveis pelo apego ao objeto, que a partir deste novo trabalhador desenraizado, passa a ter uma conotação no sentido de agregar valor, deixando de lado o aspecto sentimental deste. Para este psicanalista, o consumo desenfreado não reside no aspecto alienante da mercadoria, já que todo objeto "cede parte de sua concretude física a imaginação emocional e toda intencionalidade emocional recorre à matéria física dos objetos para ganhar consistência e durabilidade culturais" (2004, p. 162-163), mas sim na redefinição do sentido de felicidade.

Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades *em movimento* – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo (...) No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam. (BAUMAN, 2005, p. 32-33)

Um dos aspectos que configura a nova onda da globalização é justamente o surgimento destas novas tecnologias. De acordo com Alexandre de Freitas Barbosa (2006) a globalização surge a partir da ampliação do espaço entre os fluxos financeiros, comerciais, ideológicos e de informações. O volume de informações, sem paralelo na história da humanidade, conecta as grandes corporações ao redor do mundo, mas também abre espaço para as redes sociais que se formam em torno de objetivos comuns. E é isto que se discutirá a partir do próximo item.

Os (des)encontros na rede

A frenética velocidade que conduz o indivíduo de uma maneira impetuosa para todos os mundos, seja pelo espaço aéreo, seja pelo virtual, elabora uma nova narrativa não-linear, em que há uma sobreposição de idéias e valores difíceis de serem delineadas esquematicamente, em que uma identidade pulsante constrói-se cotidianamente. Acompanhando o raciocínio de Stuart Hall (2001) é possível dizer que as coordenadas de representação do tempo e do espaço passam por mudanças cujo eixo não mais sustenta estas dimensões. Essa compressão do espaço-tempo expressa uma das condições da vida contemporânea.

Jesús Martín-Barbero, ao discutir as chaves da trama conceitual da investigação na América Latina (1995), levanta alguns aspectos que os novos estudos da vida cotidiana tem proporcionado para a pesquisa neste campo. Em primeiro lugar, ele destaca a ruptura com uma visão que identifica a vida cotidiana como um espaço de reprodução da força de trabalho, afirmando que "a vida cotidiana é o lugar em que os atores sociais se fazem visíveis do trabalho ao sonho, da ciência ao jogo" (1995, p. 59), ou seja, ela tem um papel importante na produção da trama social.

Outra ruptura promovida por estes estudos é com os chamados grandes sentidos da vida, pois "resgatar o sentido comum é resgatar esse viver cotidiano como espaço de produção de conhecimento e como espaço de produção e de troca de sensibilidade"

(1995, p. 60). Ao levantar este aspecto, Martín-Barbero, referenciando-se em Habermas, esclarece o papel da comunicação como categoria central no processo de investigação do real. Ele ainda apresenta o consumo como um importante elemento tanto da distinção como da circulação de sentidos, acrescentando duas dimensões essenciais, que são os desejos e os ritos, porque consumir faz parte “da relação desejante entre sujeitos da interpelação que nos constitui como sujeitos [...] O consumo tem seu ritual, [...], tem sua lógica, segundo diferentes atores sociais, grupos, classes, etnias e gerações”. (1995, p. 62-63)

Miquel Rodrigo Alsina (Apud REIS) entende a comunicação intercultural como aquela que se realiza “entre pessoas que possuem referenciais tão distintos que se autopercebem como pertencentes a culturas diferentes” (1999:12). O que se verifica no ambiente virtual é que as diferenças existem, como resultado de buscas com propósitos distintos, mas necessitam, paradoxalmente, das semelhanças como forma de elo identitário processual.

No ambiente virtual, o fluxo incessante de informações, idéias, sons e imagens não pára. Isso é sobejamente conhecido. O acirramento deste real virtual pode ser exemplificado pelo surgimento das redes sociais, que proliferam-se de maneira demasiada pela rede. Na rasteira dessa compressão espaço-temporal surgem aplicativos que incorporam a noção de mídia locativa (LEMOS, 2007) que são os micro-blogs, justamente pela possibilidade de *posts* com pequena quantidade de caracteres, associados à movimentação cotidiana de cada indivíduo. Antes da discussão sobre estes, cabe aqui um breve parecer acerca destas duas aplicações, o *Twitter* e o *Plurk*.

Twitter é, praticamente, uma aplicação pioneira em seu segmento. Desenvolvido com a linguagem *Ruby on Rails*, disponibiliza basicamente um espaço para que o usuário possa criar *posts* com, no máximo, 140 caracteres a partir da seguinte temática: “o que você está fazendo?” Além disso, *Twitter* possibilita que usuários possam seguir e serem seguidos por outros usuários. A novidade apresentada pela aplicação é a possibilidade de criar os *posts* por meio de outros dispositivos além dos convencionais, bem como os de tecnologia móvel como celulares, smartphones e outros. O usuário cadastra-se na aplicação e cria uma conta, acessando-a a partir de um par de login e senha, tem acesso a uma área restrita na qual inserirá informações que o identifiquem, gerando assim seu perfil. O usuário ainda pode “personalizar” seu perfil, modificando cores do textos, dos links, podendo também substituir a imagem de fundo, dentre outras possibilidades. Os usuários podem, também, criar uma “lista de amigos”, isto é, optar por seguir outros usuários. Ao seguir determinado usuário e ser seguido pelo mesmo, convém chamar este de “amigo”, do contrário, convém chamá-lo apenas se “seguido”. Dessa forma, a cada *post* inserido pelo usuário *seguido* (independente de ser “amigo” ou não), será notificado ao usuário *seguidor*.

Um fator curioso que torna a aplicação mais interessante acerca da utilização é a existência de recursos adicionais (*plug-ins*) que permitem que se insira o *post* sem a necessidade de acessar o site do *Twitter*, bem como o *TwitterFox* (para o navegador *FireFox*), o *TwHirl* (para vários navegadores), o *Twitteriffic*, entre outros, salientando também a possibilidade de integrar a aplicação a uma outra, como é o caso do *Blip.Fm* (aplicação para compartilhamento on line de músicas), na qual o usuário pode inserir *posts* no *Twitter* a partir desta até do próprio *Gmail* (sistema de *webmail* da *Google*). Esta característica atribui ao *Twitter* um caráter arrojado que dá liberdade ao usuário para escolher a melhor maneira para interagir com a aplicação. Além das formas de acesso mencionadas acima, é possível também inserir *posts* a partir de qualquer aparelho celular por meio do envio de mensagens do tipo SMS. *Twitter* também disponibiliza seu conteúdo em formato RSS, portanto, se, por ventura, o aparelho móvel

tiver suporte ao recurso, o usuário poderá também ler o conteúdo disponibilizado em seu perfil.

Com temática semelhante, *Plurk* é uma aplicação similar ao Twitter, porém, sua interface não dispõe da mesma simplicidade característica do Twitter. Os posts inseridos nesta aplicação são dispostos na interface gráfica em forma de “linha do tempo”, que transcorre horizontalmente na tela do computador. O usuário dispõe de mais recursos para a personalização de seu perfil, além de ter duas listas sendo uma de “amigos” e outra de “seguidores”, nas quais o usuário, ao receber um convite de outro, opta por inseri-lo como “amigo”, “seguidor” ou recusar o convite.

No Plurk, cada post pode também ser entendido como uma espécie de “tópico”, uma vez que tanto o próprio usuário como outros podem adicionar réplicas dentro do mesmo (*responses*). Além do texto, Plurk dispõe de emoticons (sendo alguns até animados) que ajudam a ilustrar o conteúdo inserido. A aplicação dispõe de um dispositivo denominado Karma, uma espécie de placar o qual é incrementado à medida em que o usuário utiliza a aplicação conforme determinadas regras ou decrementado, se as mesmas não forem seguidas. Conforme o aumento do Karma, o usuário recebe bonificações como acesso a mais emoticons, novos temas para personalização de seu perfil, inclusive a possibilidade de utilizar recursos CSS (*Cascading Style Sheets*) para este fim. Este conceito é conhecido também como *MashUp* e é uma maneira considerada interessante de disseminar o conhecimento técnico a usuários com grau de conhecimento reduzido.

Diferente dos blogs, cuja atualização, em geral, pode ser feita uma vez por dia, os micro-blogs, desempenhando funções de diários, de divulgação, entre outros, requer do internauta uma “presença” mais assídua ao aplicativo. “On average, a prolific blogger may update her blog once every few days; on the other hand a microblogger may post several updates in a single day” (JAVA, p. 56). Essa característica torna a prática do microblogging um fator de grande importância para a produção de conteúdo no ambiente virtual, pois a característica dos *posts* curtos exige que o usuário seja breve ao redigir a mensagem, a facilidade de acesso por vários dispositivos permite uma quantidade de atualizações muito maior e, por último, a qualidade e o teor dos posts, acabam por definir o grau de importância que norteiam a forma de utilização da aplicação, bem como seus resultados.

Conforme avaliado, nota-se que o volume de informações veiculadas nos micro-blogs é alto e é justamente nesse emaranhado de informações desconexas entre si que surgem as relações identitárias, calcadas na serendipidade, que torna o fluxo de informações múltiplo e multiplicado. Alex Primo afirma que “blogs são muito mais que uma simples interface facilitada para a publicação individual, como são freqüentemente definidos.” (PRIMO, 2008 p.123). Da mesma forma são os micro-blogs, com a diferença que o caráter das informações é híbrido.

Com o objetivo de exemplificar tal afirmação, utilizou-se o mecanismo de busca pelos 25 usuários brasileiros mais populares do Twitter (DIAS, 2008) e, pelo método de sorteio, escolheu-se um deles e foi feito um acesso aleatório ao perfil do usuário no qual constam os posts.

Usuário: lent

Nome: Michel Lent

Localização: São Paulo, Brasil

Posts recentes (acesso em 10/10/2008)

Favorite reply to lent

Sampaolo. Cheguei. 5 minutos ago from TwitterBerry

Favorite reply to lent

indo contra meus instintos mais basais, cá vou eu embarcar de volta pra SP em plena sexta-feira de noite. aproximadamente 2 horas ago from twitterrific

Favorite reply to lent

@Neto vai liberar o link? :) aproximadamente 3 horas ago from TwitterBerry in reply to Neto

Favorite reply to lent

Comendo o melhor queijo quente do Brasil no Stos Dumont. aproximadamente 3 horas ago from TwitterBerry

Favorite reply to lent

Motorista NINJA. Fez Barra-Stos Dumont em 30 minutos no meio da hora do rush, sexta-feira! aproximadamente 3 horas ago from TwitterBerry

Favorite reply to lent

@Neto kd? passei o dia todo mobile. aproximadamente 3 horas ago from TwitterBerry in reply to Neto

Favorite reply to lent

@Neto kd? passei o dia todo mobile. aproximadamente 3 horas ago from TwitterBerry in reply to Neto

Favorite reply to lent

@Neto @rebokel que mina? quem filmou o q? aproximadamente 3 horas ago from TwitterBerry in reply to Neto

Favorite reply to lent

Embotellado en la Linea Amarilla. aproximadamente 3 horas ago from TwitterBerry

Favorite reply to lent

Que horas vai ser o treino do GP do Japão? aproximadamente 3 horas ago from TwitterBerry

Favorite reply to lent

Beleza, a Bovespa caiu "só" 3,93% hj. aproximadamente 3 horas ago from TwitterBerry

Favorite reply to lent

#rioquiz quem paga o pedágio? o motorista do taxi ou o passageiro? aproximadamente 3 horas ago from TwitterBerry

Favorite reply to lent

#rioquiz o tunel da linha amarela é mais longo que o rebouças? aproximadamente 3 horas ago from TwitterBerry

Favorite reply to lent

@felipemorais já to voltando pra sampa. mas semana q vem tem mais. :) aproximadamente 3 horas ago from TwitterBerry in reply to felipemorais

Favorite reply to lent

@MissMoura @abittencourt valeu! mas já estou indo para a minha reunião. torçam pra fechar que eu volto. :) aproximadamente 5 horas ago from TwitterBerry in reply to MissMoura

Favorite reply to lent

Vou comer o penúltimo financier. Alguém quer o último? aproximadamente 5 horas ago from TwitterBerry

Favorite reply to lent

@abittencourt downtown :) aproximadamente 6 horas ago from TwitterBerry in reply to abittencourt

Favorite reply to lent

@diogorodrigues o próprio. viu como eu me comportei? nem falei mal do espresso deles. aproximadamente 6 horas ago from TwitterBerry in reply to diogorodrigues

Favorite reply to lent

Tomando um café com o vento da Barra batendo na cara e longing for a simpler life. aproximadamente 6 horas ago from TwitterBerry

Favorite reply to lent

Prezado cliente. Este estabelecimento é temente a Deus e ao fisco. aproximadamente 6 horas ago from TwitterBerry

Analisando os posts acima, é possível perceber, do ponto de vista técnico, que os mesmos foram feitos a partir de um dispositivo móvel (TwitterBerry) e, acerca do conteúdo, o fluxo de informações sob vários aspectos de informativos de origem pessoal e profissional, conversa com “amigos”, detalhamento do cotidiano, dentre outros que comprovam a existência das relações identitárias estabelecidas. Comprova também que a prática do microblogging é capaz de estabelecer associações entre conteúdos díspares presentes no ambiente virtual de forma serendiptosa e que não estariam se não fosse dessa maneira, à medida em que o conteúdo é estabelecido por meio da produção colaborativa aleatória, que torna o resultado único.

Constatou-se também que esta é uma característica presente em outros diversos perfis que possuem atualizações públicas, posto que o resultado é equânime de acordo com a proposta da aplicação.

Considerações finais

Muniz Sodré coloca o campo da comunicação em três esferas: a esfera relacional (onde se desenvolve as relações sociais no sentido contratual e de conflitos sociais estabelecidos sistemicamente, esfera onde a maior parte dos estudos de comunicação se desenvolveu uma vez que são oriundos das ciências sociais); a esfera do vínculo (onde se assentam os vínculos e investimentos afetivos que condicionam atribuições de valor não diretamente ligados às estruturas sistêmicas mas psicológicas e psicossociais) e a

esfera cognitivo-crítica (a dimensão do entendimento profundo das estruturas de produção das mensagens que possibilita não só a apropriação da produção mas também a reflexão crítica das mesmas).

Os dispositivos informacionais transformam os pré-requisitos de contigüidade e distância em variáveis de importância cada vez menor, fazendo com que as relações humanas prescindam do espaço, da mesma maneira que os sentimentos possam dirigir-se a uma pessoa distante.

Nesse sentido, o que se observa é o declínio, cada vez mais evidente, de importância da comunidade local. A identificação territorial, que para a cidade e a nação tem sido historicamente importante, cede lugar a identificações – o que é fundamental para a existência da comunidade – pautadas por outros referentes, como ideologia, classe social, etc. (PAIVA, 1998, p. 76)

Este sentimento identitário perpassa a vida cultural dos indivíduos. Ao discutir o conceito de cultura, Raymond Williams faz uma crítica a certas visões “marxistas” que separaram a cultura da vida social material, deixando de analisar as possibilidades da cultura “como um processo social constitutivo, que cria ‘modos de vida’ específicos e diferentes, que poderiam ter sido aprofundados de forma notável pela ênfase no processo social material” (1979, p. 25). Ele explica que o estabelecimento de certas “leis científicas” no interior da sociedade relegou a cultura a um segundo plano, descaracterizando sua análise a partir de suas especificidades situando-a num plano determinista, “um campo de ‘simples’ idéias, crenças, artes, costume, determinado pela história material básica”(1979, p. 25). Este tipo de leitura social transformou as experiências sociais em modelos fixos, descartando o aspecto da singularidade.

A valorização de uma visão que extrapola o conceito de cultura como reflexo imediato das condições econômicas da sociedade amplia o campo da análise. Este passa a levar em consideração as experiências vividas e as tensões adjacentes a este mesmo processo, que existem independente de classificações ou generalizações geralmente pensadas a partir de critérios racionalizantes. Raymond Williams vai denominar de “estruturas de sentimento” a estas experiências e relações sociais:

O termo é difícil, mas ‘sentimento’ é escolhido para ressaltar uma distinção dos conceitos mais formais de ‘visão de mundo’ ou ‘ideologia’. Não que tenhamos apenas de ultrapassar crenças mantidas de maneira formal e sistemática, embora tenhamos sempre de levá-las em conta, mas que estamos interessados em significados e valores tal como são vividos e sentidos ativamente, e as relações entre eles e as crenças formais ou sistemáticas são, na prática, variáveis (inclusive historicamente variáveis), em relação a vários aspectos, que vão do assentimento formal com dissentimento privado até a interação mais nuançada entre crenças interpretadas e selecionadas, e experiências vividas e justificadas. (1979, p. 134)

Dentro desta concepção, é possível dizer que a análise do cotidiano da produção cultural, incluindo neste processo também as suas esferas de recepção e as diversas mediações decorrentes, vai mostrar que as relações ocorrem dentro de um espírito de trocas e não de simples manipulação de quem produz.

A emergência dessas páginas pessoais está associada a novas possibilidades que as tecnologias do ciberespaço trazem de liberação do pólo da emissão, diferentemente dos *mass media* que sempre controlaram as diversas modalidades comunicativas. Esta liberação do emissor (relativa, como toda liberdade, mas ampliada em relação aos *mass media*) cria o atual excesso de informação, mas também possibilita expressões livres, múltiplas. O excesso, paradoxalmente, permite a pluralização de vozes e, efetivamente, o contato social. (LEMOS, 2002)

Transportando esta discussão para a contemporaneidade é viável afirmar que o ambiente virtual gera novos comportamentos, revoluciona modos de viver, criando certas demandas coletivas, que só puderam ocorrer devido ao seu alto grau de interação. Este trabalho não tem a pretensão de fazer um exame exaustivo sobre o tema, mas sim oferecer algumas pistas para estudos mais aplicados sobre as relações identitárias que são construídas neste ciberespaço. Um estudo feito pela IDC mostra que a internet móvel no Brasil já ultrapassa 9% do total de 8,1 milhão de usuários de banda larga. O acesso ao ambiente virtual via dispositivos móveis, portanto, parece ser uma tendência crescente entre os usuários da rede.

Referências Bibliográficas:

- BARBOSA, Alexandre de Freitas. *O mundo globalizado: Política, sociedade e economia*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- _____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo: Globo, 1995.
- COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- FEBVRE e MARTIN, The Coming of the Book. In: ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ed. Ática, 1989.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- JAVA, Akshay et alii. *Why We Twitter: Understanding Microblogging Usage and Communities*. Disponível em: <http://ebiquity.umbc.edu/paper/html/id/367/Why-We-Twitter-Understanding-Microblogging-Usage-and-Communities>. Acesso 20 fev 2008.
- LEMOS, André. *A arte da vida. Diários pessoais e Webcams na Internet*. 2002. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/arte%20da%20vida.htm>. Acesso: 20 jun 2007.
- André Lemos. *Cidade e Mobilidade. Telefones Celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais*. in *Matrizes*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação., USP, ano 1, n.1, São Paulo, 2007, ISSN 1982-2073, pp.121-137.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRio de Janeiro, 1997.

_____. América latina e os anos recentes da recepção em comunicação social, In: SOUSA, Mauro W. de (org), *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

PAIVA, Raquel. *O espírito comum: Comunidade, mídia e globalismo*. Petrópolis: Vozes, 1998.

PRIMO, Alex. *O aspecto relacional das interações na Web 2.0*. E- Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

_____. *Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera* in Revista FAMECOS Porto Alegre nº 36 agosto de 2008, quadrimestral.

REIS, Hílina. *Interculturalidade, encontros e desencontros nas universidades virtuais*. ACTAS DO III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO – Volume III. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/reis-hiliana-interculturalidade-encontros-e-desencontros-em-universidades-virtuais.pdf>. Acesso 20 set 2008.

SENNETT, Richard. *La civilisation urbaine remodelée par la flexibilité*. 2001 (p. 24-25). Disponível em: <http://www.monde-diplomatique.fr/2001/02/SENNETT/14782>. Acesso em 2 set 2008.

SPYER, Juliano. *Conectado: o que a Internet fez com você e o que você pode fazer com ela*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

WILLIAMS, Raymond. (ed.). *Historia de la comunicación: De la imprenta a nuestros días*, vol.2, Barcelona: Bosch Casa Editorial, 1992.

_____. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1979.

Sites

<http://www.crisdias.com/ranking-twitter-brasil/>

http://imasters.uol.com.br/artigo/9528/tecnologia/nao_acredito_em_web_20/

<http://www.naozero.com.br/ajuste+twitter>

<http://webinsider.uol.com.br/index.php/2007/03/16/twitter-e-uma-abordagem-diferente-de-network-social/>